Mercado Municipal de Vila da Feira, Vila da Feira, 1953 - 1959

(fig. 1)

(fig. 2)

(fig. 3)

Mercado Municipal de Vila da Feira, Vila da Feira, 1953 - 1959

Implantação

Um espaço regular (50x50m) relaciona um dos seus lados com a rua. Aqui, é criada uma plataforma que recebe o volume de lojas criando uma frente de rua. A inclinação da rua de acesso suscita, no desenvolvimento do interior do quarteirão, a criação de duas plataformas a diferentes alturas.

Quatro corpos organizam-se de forma a criarem um pátio central onde a diferença de cotas é articulada.

Materiais

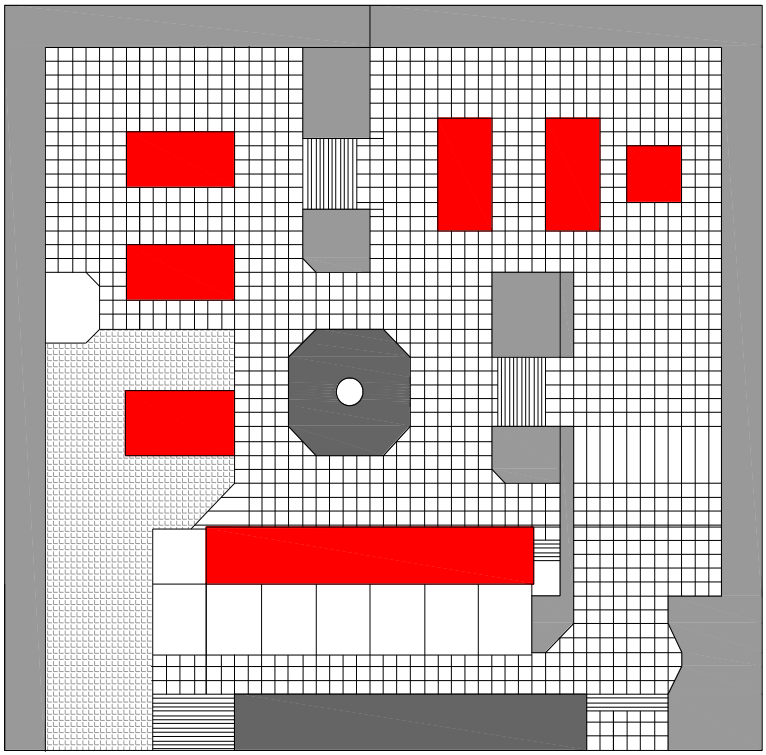
A conjugação de vários materiais acentua a ideia de conjugação de vários elementos. Pela variação de material, laje, pilares, paredes, lâminas e pavimento assumem uma maior independência. Aqui, para além de uma variação cromática há uma variação de textura. O betão bujardado (fig. 1) é quase *granítico* e afirma, pela robustez, o seu papel estrutural. A lâmina branca marca presença como *frente* dos corpos (fig. 2) permitindo desde a entrada a leitura global do conjunto, como se orienta e como organiza o espaço. A laje ganha pelo plano superior coberto a lajetas cerâmicas (fig. 3) o tom avermelhado. A mesma cor é repetida na parte inferior contrastando com o betão e a lâmina branca.

(fig. 4)

(fig. 5)

O mobiliário do mercado ganha forma pelo uso da pedra (fig. 4). Mármore branco e ardósia negra apesar de levantados do plano do chão *fixam-se* pela matéria (fig. 4). O azulejo pelo brilho, reflexo e desenho de pequena escala (fig. 5) (mais textura do que desenho) compensa, no espaço de maior tensão entre os corpos, a proximidade entre os planos. Aqui, juntamente com a alteração de pavimento é marcado um momento de *passagem* para uma zona de descargas.

Também é pela alteração de pavimento que se distingue, nos corpos reduzidos à cobertura, a zona de comprador e vendedor. Entre os dois materiais um pequeno fosso resolve a queda de águas resultantes da lavagem dos espaços de venda. Em suma, o pavimento define os espaços de acordo com a sua função. (fig. 6)



(fig. 6)

espaço colectivo | pré-fabricado 1 x 1

espaço de venda (com ponto de água) | tijoleira cerâmica

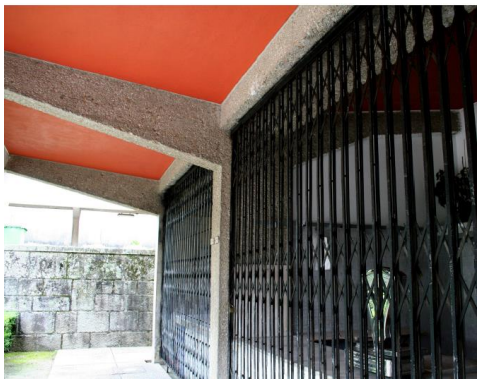
entrada e espaço de descargas | cubo de granito

espaço de pausa | pedra granito

espaço verde | vegetação

Nos espaços destinados à venda de carnes as paredes são revestidas até determinada altura a pastilha rectangular que torna os espaços limpos e claros sem se sobrepor, no entanto, aos elementos estruturais (fig. 7 e 8) que mesmo aqui se afirmam.

A caixilharia de madeira (fig. 9) está presente apenas na frente de lojas e nos acessos aos espaços de arrumos ou sanitários. Limitando o espaço interior, o espaço em sombra funde-se com a cor escura da madeira formando um vazio que contrasta com a forte marcação estrutural que é também marcação espacial no interior.



(fig. 7 e 8)

(fig. 9)

(fig. 10)

(fig. 11)

Estrutura | Estruturado

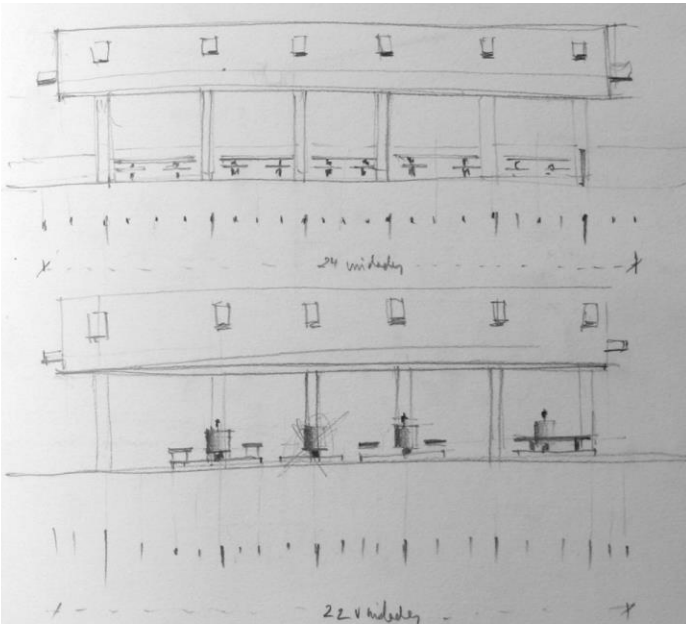
Percebe-se uma vontade de *verdade* estrutural. A distinção clara feita entre elementos – laje, parede, pilar, viga, caleira, mobiliário… – permite uma constante leitura da estrutura. A relação entre estrutura e estruturado é claríssima. Mesmo nos momentos em que pilares e paredes são complanares se percebe quando é que a parede é estrutural ou *estruturada*.

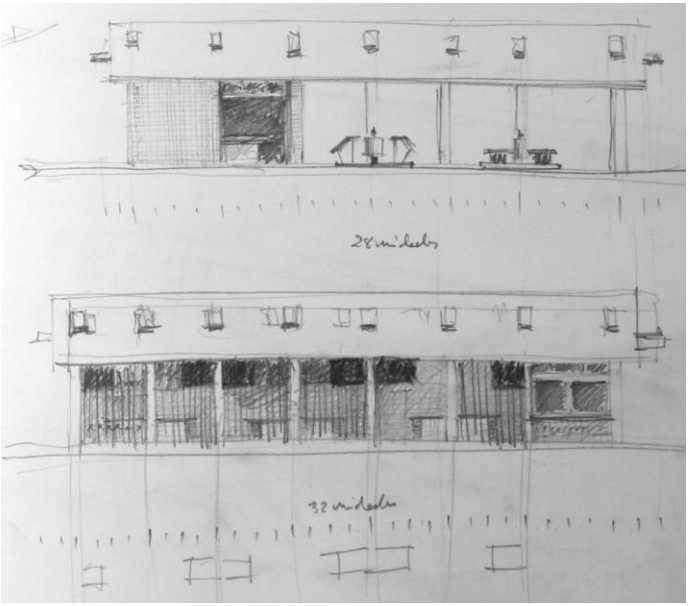
É pela leitura dos elementos estruturais – pilares e paredes em conjunto com a laje *quebrada* em dois planos – que aproximamos visualmente os quatro corpos. As diferenças entre eles – desde a proporção à ocupação ou libertação dos espaços – diluem-se (fig. 10).

Paredes

As paredes, mesmo quando não são estruturais, agarram-se à estrutura.

Participam desta forma na modulação dos espaços. Em nenhum momento as paredes se unem como definidoras de volume. Mesmo no corpo que define a frente de rua, as lojas ficam definidas por lâminas sendo o topo destes espaços muito transparente, aberto. O plano de fundo das lojas perde robustez pelas transparências e aberturas existentes transformando-o num conjunto de painéis mais frágeis. Quando se unem dois planos a noventa graus, a alteração de material ou a intercepção com os pilares em betão desfaz qualquer possível leitura de continuidade (fig. 11).


24 windows
22 windows

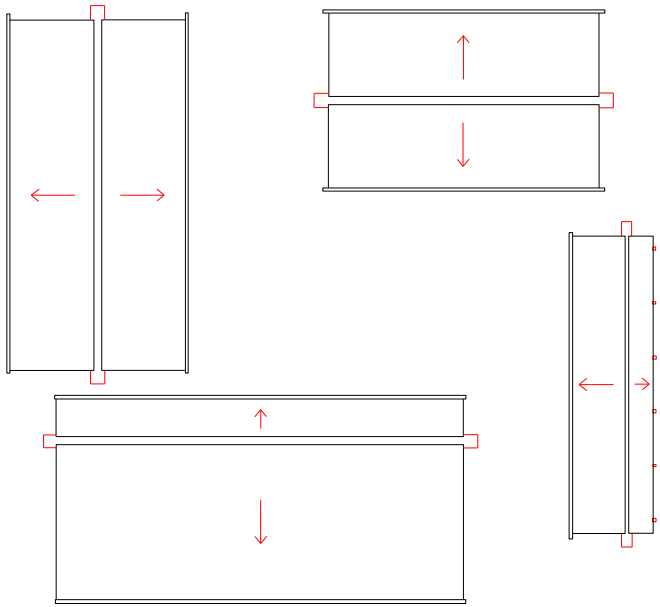

28 windows
32 windows

Volumetria

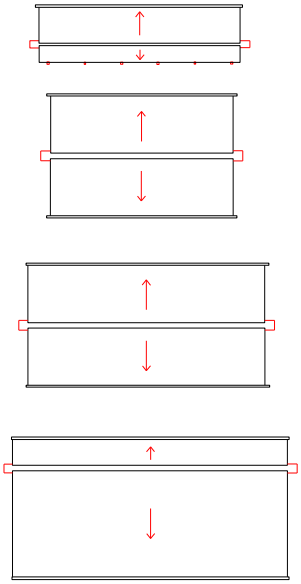
Desde a rua lê-se um volume apoiado numa plataforma mais elevada.

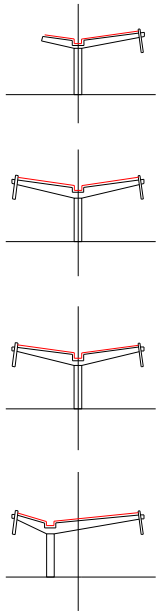
À medida que vamos *entrando* no Mercado percebemos que há uma repetição de elementos volumétricos mas que se definem, à excepção do plano de cobertura, por elementos diferentes. Se, o primeiro volume se resume como um paralelepípedo com cobertura saliente, o último fica reduzido ao plano de cobertura. No entanto, pela semelhança entre estes elementos continuamos a ler um espaço que, apesar dos limites *imaginados*, continua bem definido.

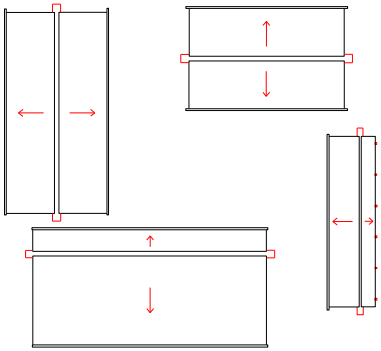
Cobertura

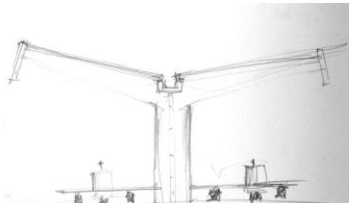


(fig. 12)





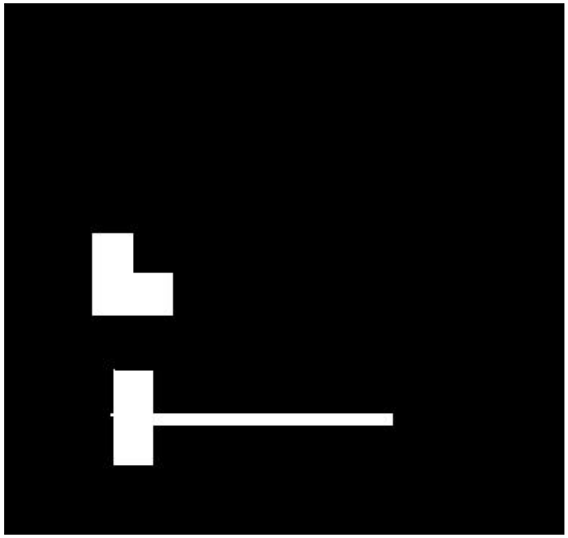




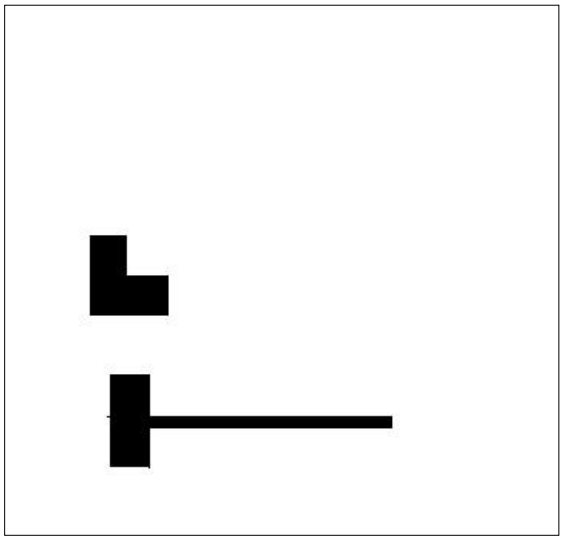
Cobertura

Se reduzirmos o edifício do mercado à sua essência podemos defini-lo como um conjunto de quatro coberturas. Apesar da inclinação, a cobertura de duas águas invertida não é em telha. As coberturas são tratadas como coberturas planas. Ao centro, uma caleira contínua de betão (fig. 12) resolve a recepção das águas da chuva. Apoiada num sistema de vigas que descarregam em pilares ou em muros a cobertura fica reduzida a duas lâminas que se levantam sobre o espaço percorrido pelos compradores e cria uma maior tensão ao centro, seja este espaço aberto ou de loja. Estes planos de cobertura unem-se às lâminas brancas que a mesma estrutura intercepta.

A utilização da cor na parte inferior das lajes de cobertura, repetindo a cor das lajetas cerâmicas da parte superior, participa também nesta distinção entre planos. A articulação dos três elementos atribui ao conjunto uma certa plasticidade onde cada um deles se lê isoladamente transmitindo uma verdadeira leitura estrutural



Cheios e Vazios | Estudo de acordo com a leitura de Espaço Interior|Exterior



Relação com a envolvente

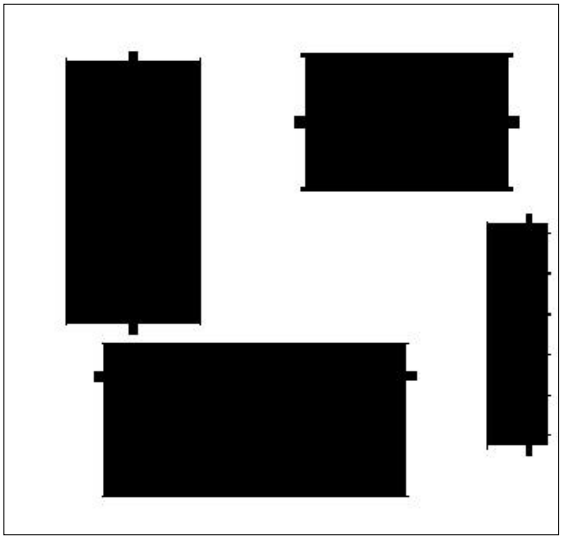
O Mercado insere-se na malha urbana e cria com o volume de lojas uma frente de rua. Os restantes espaços desenvolvem-se criando um interior de quarteirão. Virando-se para o interior, os volumes funcionam como um filtro para as construções mais próximas ficando a relação que se estabelece desde este centro com a envolvente reduzida ao contacto visual com o castelo e vegetação que o rodeia.

Interior | Exterior

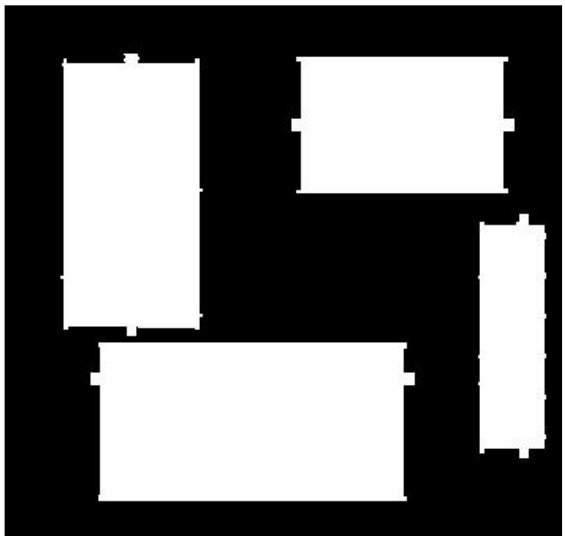
As lojas na frente de rua e os espaços de administração, arrecadação e sanitários são os únicos espaços verdadeiramente interiores no conjunto. No entanto, nas lojas, a forte comunicação com a rua pela grande abertura no alçado mantém um constante contacto com o espaço exterior. Não existe por isso uma ruptura visual entre os dois espaços mas, apesar dos limites físicos bem definidos, há constante relação.

Cada loja vive quase como uma banca de mercado.

Todos os outros espaços são vividos como espaços exteriores que variam entre os cobertos e descobertos. No entanto há, pela escala dos espaços e dos elementos que o definem, uma ideia de interior de quarteirão onde os limites e a constante leitura global do espaço criam um espaço controlado - como se de um espaço interior se tratasse. O corpo de lojas, criando uma separação entre a rua e o interior do mercado, define uma entrada. Há por isso uma marcação, um momento em que se define uma passagem para um *interior*.



Cheios e Vazios | Estudo de acordo com a leitura de Volumetria

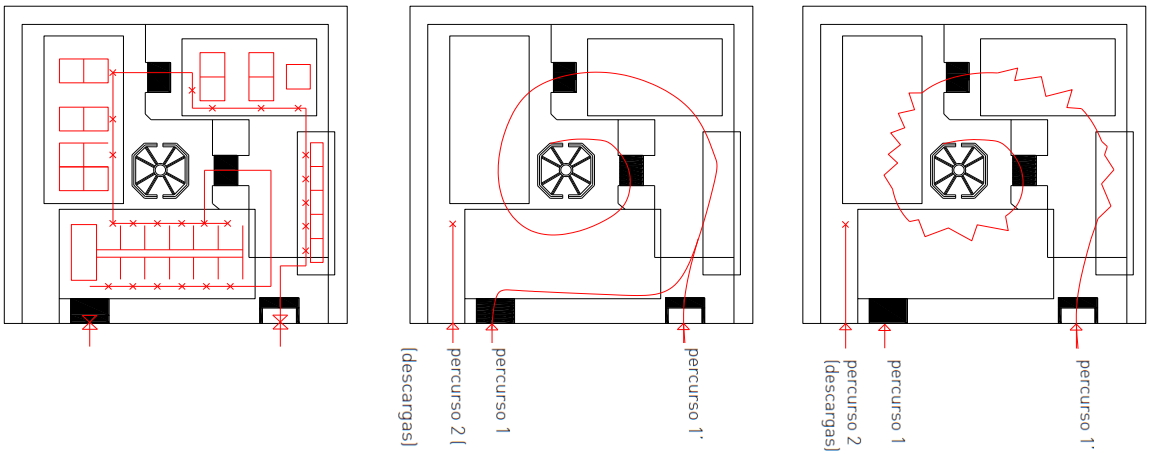


Programa

O Mercado responde a dois tipos de venda criando dois tipos de espaço: a loja onde há uma ocupação constante e os produtos se mantêm expostos implicando um encerramento do espaço; e a banca onde a ocupação é temporariamente mais curta. Os espaços loja adquirem assim uma certa urbanidade que os relaciona com a frente de rua. Nos espaços de banca existe ainda uma especificação pelas características dos produtos que comercializam: flores e frutos; hortaliças; peixe; e animais de pena e pêlo.

Apoiando esta estrutura de espaços de venda são criados espaços de apoio ao funcionamento do mercado – administração, fiscalização, serviço de veterinário, arrecadações, vestiários e sanitários. É ainda criada uma zona exterior de descargas associada a uma segunda entrada à cota baixa.

Resumindo a sua atenção a nível programático, Fernando Távora caracteriza o mercado como *lugar de troca de coisas mas de troca de ideias, um convite para que os homens se reúnam.*



Escala

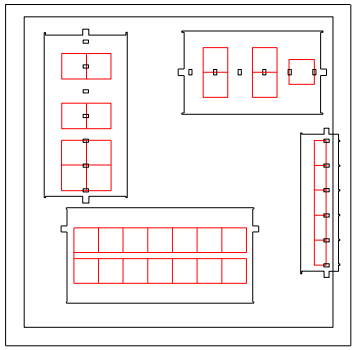
O espaço do Mercado pode ser lido como espaço público. Como uma verdadeira praça, ele vive do seu uso. E é este uso que lhe atribui uma escala.

Não há corpos altos que hierarquizem a praça, mas há um sentido de percurso, de movimento e fluidez pelas diferenças de cota e pela baixa altura e horizontalidade das coberturas. Estas têm um papel principal na adequação do espaço à escala humana: a transição entre espaço coberto e espaço descoberto e a marcação dos locais de venda pela tensão criada no espaço central de cada corpo. Aqui, o mobiliário adquire também grande importância definindo dentro da escala humana a escala das coisas – o momento em que nos aproximamos das bancas e escolhemos o peixe, *aquele* peixe.

Detalhe

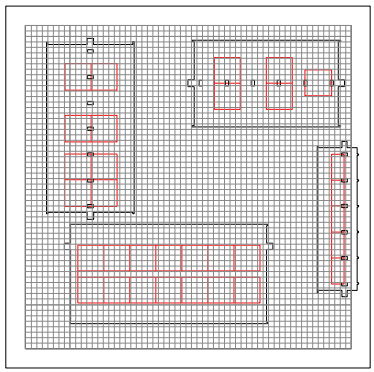
Existe actualmente iluminação artificial que, colocada nas lâminas brancas dos volumes, se orienta para o espaço central do mercado. A selecção destes plano para colocação da luz artificial resultará de uma interpretação, mesmo que inconsciente, da luz natural. A luz do sol reflectida nos planos brancos resulta como o momento mais luminoso de todo o conjunto. Vistas do centro, cada lâmina adquire uma intensidade que varia consoante a orientação (cada uma se volta para um ponto cardeal diferente), a incidência da luz ao longo do dia pela orientação e pelas texturas que o material vai adquirindo ao longo do tempo.

Luz - natural ou artificial - e tempo - meteorológico ou cronológico - atribuem ao conjunto não só uma percepção das partes que o compõem mas também um sentido de rotação e convergência com um centro bem definido – a fonte.



Estrutura

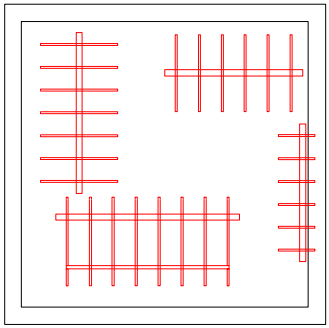
Modulação dos Espaços de Venda - Mobiliário|Loja

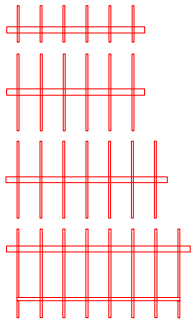


Módulo

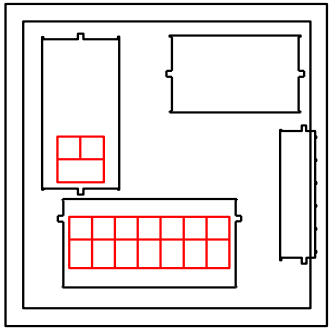
Há claramente a utilização de um módulo que se repete. Cada volume, respondendo a um tipo de venda específico, é alterado. Mas apesar destas variações existe uma semelhança entre as partes que formam o conjunto.

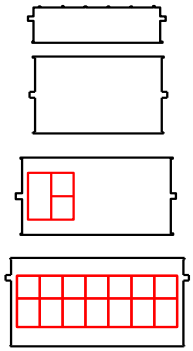
Esta proximidade torna-se possível pois cada corpo resulta de um somatório entre partes e, como tal, para que se encontrem semelhanças não é necessário que todos os elementos se repitam. Nesta obra, a expressividade da cobertura aliada ao ritmo criado pela estrutura em betão são os elementos *fortes* que se repetem em todos os corpos. As paredes de granito ou forradas a azulejo e o diferente mobiliário surgem como elementos pontuais e, entre vegetação e pelas diferenças de cota, *desaparecem* na leitura global do conjunto.





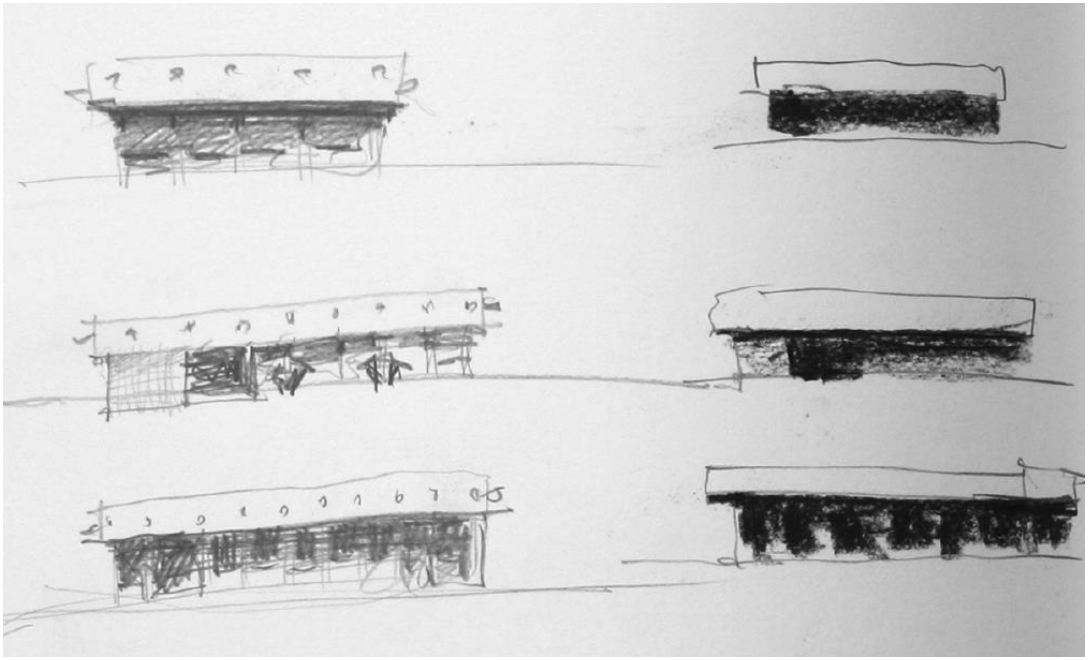
Espaços Interiores

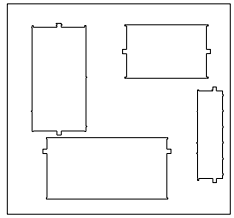




Apesar das diferentes dimensões e variações também nas linhas de inflexão das coberturas, existe uma unidade formal e uma relação constante entre as partes e a forma como se interceptam e articulam. O igual espaçamento entre os elementos estruturais e a também constante altura dos pilares impede que, apesar do maior ou menor comprimento e/ou largura dos módulos, se sinta uma variação. As diferenças realmente percepcionadas decaem sobre os elementos que correspondem directamente à função a que se destinam, ao tipo de venda que oferecem.

Em termos de composição, um módulo base de um metro por um metro, percebido nas lajetas prefabricadas do pavimento, é modulador dos espaços cobertos, do espaçamento entre elementos estruturais, da localização das paredes, da largura das escadas, da organização e dimensão do mobiliário...





Luz e Sombra

Os espaços em sombra correspondem, mesmo que sejam exteriores, aos espaços abrigados. Abrigados do sol e da chuva transformam-se em local de paragem. Sob a cobertura, o espaço contrasta com as luminosas lâminas brancas. Não existem muitas variações de luz e sombra pontuais. Os espaços em sombra, mesmo que correspondam a espaços diferentes, unem-se sob a mesma cobertura criando uma única sombra.

Este contraste pode ser considerado também ele modular já que acentua a leitura de quatro partes.

Casa de Ofir, Pinhal de Ofir, Fão, 1957 1959

Casa de Ofir, Pinhal de Ofir, Fão, 1957 1959

Implantação

A casa desenvolve-se em três braços que formam um 'T'. A cada um deles corresponde um núcleo funcional específico, e articulam-se por uma rótula de distribuição. A orientação deste 'T' permite proteger os espaços exteriores e as maiores aberturas do *enervante vento norte.*

Materiais

A selecção de materiais relaciona-se directamente com os métodos construtivos adoptados. Como tal, o cruzamento de técnicas do movimento moderno (como a estrutura em betão), com os tradicionais métodos construtivos (como o sistema de cobertura em telha apoiado num sistema estrutural em madeira) reflectem o *composto* de que é feita a Casa de Ofir. Pelo confronto, cada um deles ganha maior expressividade.

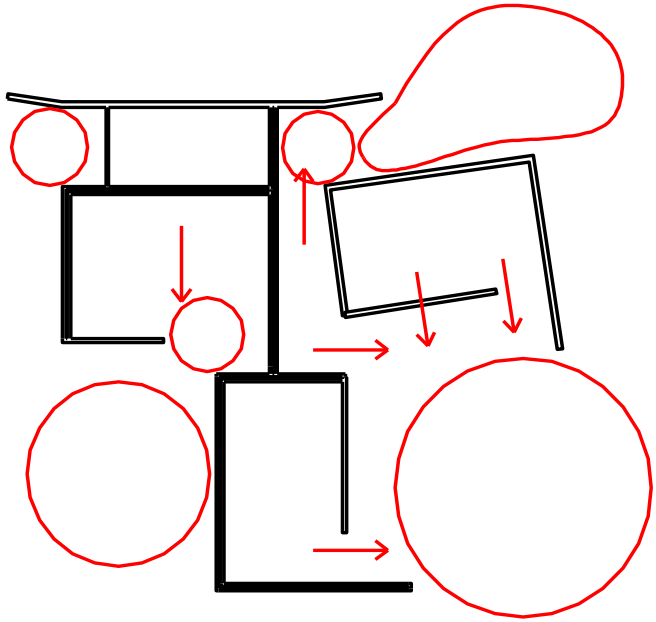
Casa de Ofir

Casa de Ofir

As coberturas em telha dos módulos articuladas pela cobertura plana da rótula acentuam a independência funcional dos volumes. Simultaneamente, pela inclinação, adquirem uma direcção – *voltam-se* para o espaço exterior que lhes corresponde. No interior, a cobertura inclinada e os desníveis no pavimento vão permitindo uma variação de pé-direito que define os vários espaços mas mantendo uma sensação de fluidez entre eles. Em determinados espaços, a estrutura da cobertura, em madeira é lida desde o interior. Há, deste modo, uma leitura da estrutura que nos remete para a *verdade* estrutural da arquitectura popular.

Independentemente de ser um material do movimento moderno, o betão reflecte também verdade estrutural. Sobre os grandes vãos, uma viga de betão surge como solução estrutural. Mas, mais do que estrutura, e essencialmente nos momentos de maior abertura dos módulos ao exterior, tira-se partido da sua plasticidade, da expressão do betão descofrado. As suas dimensões e a sua leitura contínua acentuam a horizontalidade destas fachadas reduzindo-as à expressão de simples cobertura.

Os planos de pedra, em granito, ganham expressão na medida em que há uma leitura contínua desde o exterior ao interior. Produz-se assim uma certa ambiguidade na sensação dos espaços: a barreira física entre espaço interior e exterior é, nestes pontos, muito ténue, acentuando a relação de continuidade. Na sala, a parede norte, apesar de pintada de branco, é também de granito o que lhe atribui ainda mais o carácter de alpendre, como se de um espaço exterior se tratasse.



Estrutura | Estruturado

Também o sistema estrutural articula as *novas* técnicas com os métodos construtivos tradicionais. Na definição dos módulos, a parede estrutural é interrompida quando estes se abrem para o exterior.

Aqui, uma viga de betão descofrado liberta estas fachadas dos elementos verticais reduzidos a uma parede perpendicular que é, mais do que elemento estrutural, *estruturadora* de espaço. Resulta, assim, que a simplicidade modular gera simplicidade estrutural, ou antes, permite uma leitura simples da estrutura. Esta percepção tem o seu ponto máximo na sala, onde os elementos ordenadores de espaço se reduzem aos estruturais. No módulo de quartos, os planos *a mais*, para além da estrutura, diluem-se com planos de madeira – armários, portas - não assumindo a robustez, pela continuidade, dos panos estruturais. Percebe-se uma compartimentação já que há, no momento de *entrada*–passagem do espaço-rótula para o corredor - uma leitura de módulo.

Desde o exterior, na fachada do módulo de quartos, apesar de ser mais *encerrada* do que o alçado da sala, é possível fazer a leitura de um elemento horizontal. Este elemento resulta do desenho e forma de funcionamento da caixilharia: os vãos, apesar das pequenas dimensões (adequadas aos quartos), são duplicados quando as portadas deslizam. Uma calha contínua onde correm as portadas marca constantemente esta faixa horizontal.

Desmaterializa-se desta forma a parede dando maior força à viga e ao elemento perpendicular que é, como na sala, estrutural.

Detalhe do interior,
casa de Ofir

Casa de Ofir

Paredes

Desde o exterior, há momentos em que as paredes são definidoras de volume, noutros, *soltam-se* marcando espaços de transição interior/exterior.
No interior, também há definição do *espaço-módulo*, mas o facto de haver alteração de materiais, cor e expressão da cobertura, atribui-lhes uma independência. As paredes assumem-se enquanto planos definidores de espaços mas não de *caixa*.

Volumetria

A volumetria da Casa de Ofir resulta da articulação entre três corpos semelhantes. Cada um deles adquire diferentes momentos de afirmação enquanto volume. Há, por um lado, a leitura de um 'U' que leva ao entendimento de cada corpo como volume. Mas, por outro lado, o volume desmaterializa-se, abre-se ao exterior e passa a definir-se por um conjunto de lâminas (cobertura + paredes + viga).
A percepção da volumetria da casa dá-se por momentos. Não há a leitura de um todo mas de dois módulos de cada vez e da articulação entre eles. Deste faseamento surge a criação de espaços com usos e características diferentes, mais ou menos protegidos pelos percursos também eles hierarquizados.

Casa de Ofir

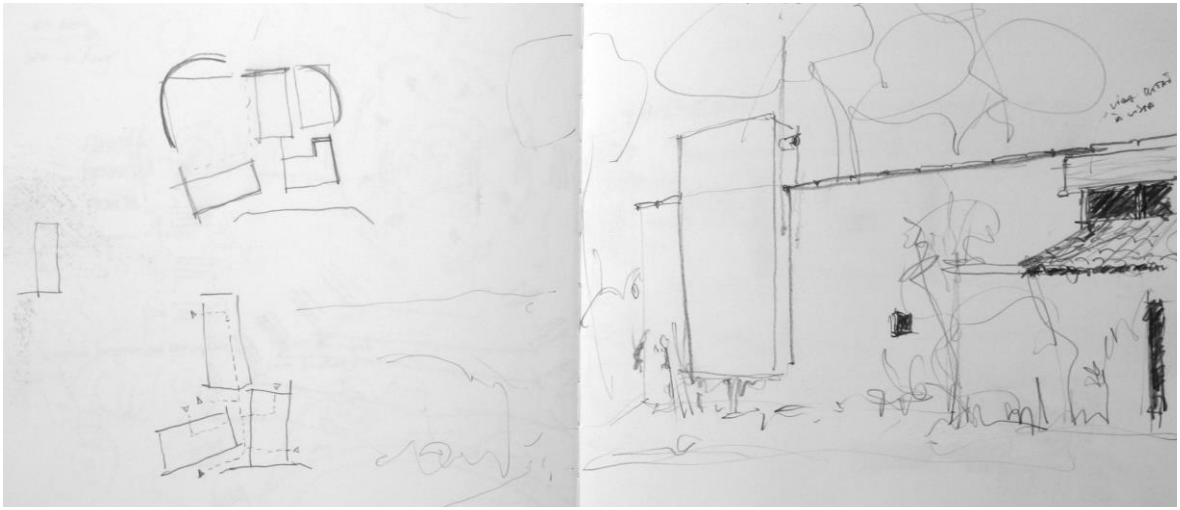
Casa de Ofir, Exterior, jardim, elemento com àgua

Cobertura

A cobertura tradicional em telha é utilizada mas não de forma acrítica.
As coberturas, independentes, acentuam a ideia de três volumes semelhantes, articulados. Mas no momento de rótula, a cobertura é plana atribuindo ao espaço um significado diferente. Desde a *sala* exterior, a cobertura plana torna-se *ausente* criando um momento de pausa entre os volumes.

Relação com a envolvente

O terreno e a vegetação são tratadas de forma a criar, mesmo que artificialmente, um *cenário* que caracteriza a zona em que se insere e, simultaneamente, protege a casa da sua envolvente.
É difícil definir os pinheiros que rodeiam a casa. O pinhal estende-se pela envolvente desfazendo os limites reais do terreno. Há, simultaneamente, uma sensação de limite mais distante e de espaço protegido.



Esquiços da Casa de Ofir

Interior da casa de Ofir

Pré-existências

Segundo Sérgio Fernandez, Fernando Távora quer que o terreno que envolve a casa seja tão natural, que se permite o uso de artifícios. Apesar de artificial, a duna que envolve o espaço exterior de estar, parece ter estado sempre, como se fosse natural.

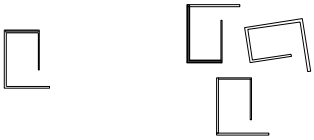
Interior | Exterior

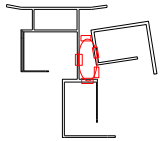
Uma das características da casa é a variação nas relações que se estabelece entre interior e exterior.

Há uma relação física quase constante: entrada, sala, cozinha, rótula, quarto… Mas mais do que uma porta, há uma continuidade de planos – o pavimento, a cobertura, as paredes – que diluem o limite físico.

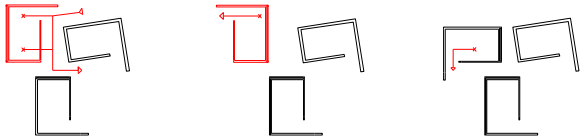
Visualmente, a relação entre interior e exterior varia não só de acordo com as características dos espaços interiores como dos exteriores. Desde as simples entradas de luz, o espaço interior é tratado em determinados momentos, como a sala ou o espaço rótula, como espaço exterior. Também no exterior, a intimidade conseguida em espaços como o prolongamento do quarto ou da sala da lareira, ou até mesmo a *sala de estar* remetem-nos para a sensação de conforto dos espaços interiores.

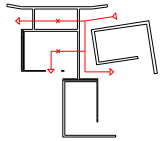
Rótula - Articulação entre as Partes|Módulos





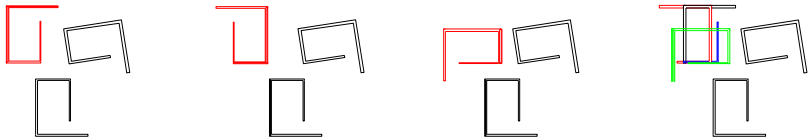
1 Função = 1 Módulo

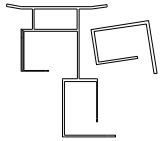




Variação pela Função - Multiplicidade de relações com o Exterior

Síntese





Efeito da Variação pela Função na Forma

Síntese

Programa

A casa unifamiliar divide-se em três funções base: estar, dormir e cozinhar. Para além destes núcleos funcionais existem mais três, exteriores, mais ou menos correspondentes a cada um dos primeiros: espaço de chegada, espaço de estar, e um espaço mais 'técnico', traseiro.

Escala

A escala adoptada reflecte um retomar das lições da arquitectura tradicional.
A casa desenvolve-se num único piso. Passados cinco anos do projecto da Casa sobre o Mar e desenvolvido o Inquérito à Arquitectura Portuguesa, Fernando Távora *pousa* a casa de Ofir bem no chão, *toca a terra, numa espécie de regresso.*
Na sala, também pelas dimensões do espaço, é quando sentimos o tecto mais distante apontando para a amplitude do espaço exterior, no entanto, coberto. Mas mesmo no exterior, há um *tecto* constante definido pela copa dos pinheiros.

Exterior da casa de Ofir

Detalhe, casa de Ofir

Interior da casa de Ofir

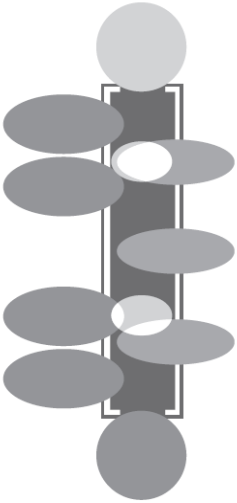
Detalhe

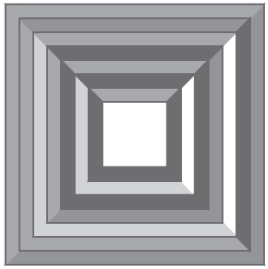
No alçado dos quartos, como fósseis, uma concha e várias pastilhas cerâmicas coloridas foram encrostadas na, já por si expressiva, viga de betão. Numa primeira abordagem há confusão… Há uma data gravada - V.21.1956 – mas as pequenas peças de várias cores e a concha remetem para um passado mais distante, menos conhecido, menos acessível...mais *natural*. Há uma fusão entre a modernidade da viga – a expressão da cofragem, das suas dimensões e do próprio material – e a naturalidade dos elementos adjacentes. Parece que toda a obra se pode resumir neste detalhe: *um magnífico e inesquecível diálogo, tentando um verdadeiro composto (…) Quanto ao seu valor intrínseco, o futuro, o grande juiz, dirá alguma coisa; quanto ao princípio adoptado, não se nos oferece menor dúvida de que ele é o único a seguir para que as nossas obras atinjam, pela sua individualidade, valor universal.*

Interior da casa de Ofir - corredor

Luz e Sombra

Três tipos de aberturas resultam de três tipos de relação entre os espaços. A maior abertura, na sala, transforma o espaço num alpendre.
Aqui, não se sente um espaço completamente fechado mas que continua pelo espaço coberto até à sala exterior. A duna e o pinhal definem o quarto lado do módulo.
Na parede oposta, pequenos rasgos e '*janelas – Ronchamp*' – permitem, mais do que entrada de luz, uma leitura da luz exterior e impedem um contacto visual directo a partir do espaço exterior de entrada.
No corredor, juntam-se três intensidades de luz (imagens na página seguinte): forte, a luz zenital; intermédia, a luz que chega pelos quartos; mais fraca, a luz que entra pelos pequenos rasgos e '*janelas - Ronchamp*' dos quartos de banho.





Módulo

Cada módulo corresponde a cada uma das funções: estar e comer; dormir; e cozinhar. O módulo, rectangular, define-se essencialmente por um 'U' de paredes estruturais e um quarto lado mais aberto ao exterior (contacto visual e físico). O terceiro volume resulta de uma síntese da articulação de três posições do módulo: uma de abertura a nascente, recebendo a entrada; uma de abertura a poente, permitindo o acesso à garagem; e uma de abertura a sul. Em cada módulo, um dos lados do 'U' lança-se para o exterior criando um momento de transição entre os dois espaços.

Da rotação dos módulos resultam espaços exteriores também eles correspondentes a três funções específicas: um espaço de entrada, um espaço técnico e um de estar, definido pelo 'L' - volume de quartos e volume das salas – e pela duna.

Cada um dos módulos se divide em diferentes espaços mais (nas salas) ou menos (nos quartos) contínuos mas há uma leitura de cada um deles, tanto pelo exterior como pelo interior, definida não só pelas paredes mas também por diferenças de pavimento (cota ou material) e de cobertura.

No alçado nascente do volume de quartos, existe também uma modulação.

Três tipos de elementos - vão, portada e parede – apresentam- -se aqui com as mesmas dimensões permitindo uma leitura horizontal do seu conjunto. As várias combinações possíveis pelo deslizamento das portadas criam um ritmo paralelo ao ritmo da vida dos seus espaços.